



Eixo Temático

2. Educação no Campo e Políticas Públicas

Título

A EDUCAÇÃO MATEMÁTICA TANGENCIANDO PELA INTERDISCIPLINARIDADE NAS ESCOLAS DO CAMPO

Autoras

Darlene Camargo Gomes de Queiroz
Márcia Figueira Marques da Silva
Neide Ernesto Pierre

Instituição

UNIGRANRIO

E-mail

profdarlenedequeiroz@gmail.com
marciafmarques@gmail.com
neidepierre@ig.com.br

Palavras-chave

Matemática; Disciplinarização e Distintas

Resumo

Este artigo surge a partir da ideia de como trabalhar a matemática fugindo da disciplinarização e articulando a prática docente às demais disciplinas. De modo que este processo não crie uma nova disciplina, mas que se compreenda se é possível verdadeiramente que disciplinas tão distantes e tão distintas, consigam se interligar e caminhar umas com as outras, respeitando sempre suas especificidades e com isso entender o ensino da matemática com um olhar mais interdisciplinar. Através de um breve relato como surgiu o termo interdisciplinaridade e como ele é aplicado ao ensino da matemática.

Texto Completo

**www.semgepec.ufscar.br
27, 28, 29 e 30 de outubro de 2015**



Inicialmente o termo interdisciplinaridade remete a uma necessidade de muitos, em compreender onde surgiu este termo e o que significa na sua essência. Tentando compreendê-lo através de um breve relato.

Conseqüentemente entender as possíveis relações com base em alguns autores, de como se dá a interação não só em torno das ciências exatas, mas no próprio ensino.

Além disso, mediante a um histórico brasileiro de educação disciplinar, a incorporação de uma visão interdisciplinar faz parte de um processo que envolve todos os membros da comunidade escolar.

Outro aspecto que necessita de atenção é em relação a construção de um currículo, que não seja engessado e que as estratégias que correspondam a esses currículos, sejam pautadas no conceito de interdisciplinaridade, respeitando as especificidades de cada disciplina e que com isso não seja construído uma nova disciplina, denominada interdisciplinaridade.

Outro olhar especial é em relação a formação docente e como essa inserção deverá ser feita de forma harmoniosa, respeitando a importância de cada disciplina e a sua contribuição no processo de ensino e aprendizagem.

Para finalizar será exposto a relação da matemática com a interdisciplinaridade e sua relação com as escolas do campo.

1. Como surgiu o termo “interdisciplinar”

A origem da interdisciplinaridade está no dia a dia das escolas, numa tentativa de se transformar todo um processo de ensino e aprendizagem pautado em disciplinas fragmentadas, que buscam abrir mão de toda a rigidez do ensino “tradicional”, para experimentar uma nova realidade.

Todas essas mudanças, causam uma certa estranheza. O novo assusta e muitas vezes é melhor permanecer na zona de conforto.

A interdisciplinaridade não dilui as disciplinas, ao contrário, mantém sua individualidade. Mas integra as disciplinas a partir da compreensão das múltiplas causas ou fatores que intervêm sobre a realidade e trabalha todas as linguagens necessárias para a constituição de conhecimentos, comunicação e negociação de significados e registro



sistemático dos resultados. BRASIL (1999, p. 89). no processo pedagógico e a produção de conhecimento novos (PAVIANI, p.14, 2008).

Mas vamos compreender melhor como tudo isso surgiu, conhecendo a origem etimológica: A palavra interdisciplinaridade é formada por três termos: inter – que significa ação recíproca, ação de A sobre B e de B sobre A; disciplinar – termo que diz respeito à disciplina, do latim discere – aprender, discipulus – aquele que aprende e o termo dare – corresponde à qualidade, estado ou resultado da ação. (O mundo da Saúde, 2006, p. 107-116).

Segundo Fazenda (apud CARLOS s.d), a interdisciplinaridade surgiu na França e na Itália em meados da década de 1960 do Século XX, em meio a reivindicações estudantis favoráveis a inserção dela na resolução dos problemas políticos, sociais e econômicos, na educação, afim de que pudessem ajudar a solucioná-los da melhor forma. Com isso, deu origem ao conceito de interdisciplinaridade, pois estava relacionado a diversas áreas do conhecimento.

O conceito de interdisciplinaridade, chega ao Brasil no século XX, ao final da década de 1960, influenciando, posteriormente, na elaboração de leis que regem a educação brasileira, tais como: a Lei de Diretrizes e Bases (LDB - Lei nº 9394/96) e os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), tendo com o precursores Hilton Japiassu e Ivani Fazenda.

Apesar de toda influência que o termo e o conceito em si representaram e representam aqui no Brasil, não existem definições e terminologias exatas acerca do termo interdisciplinaridade. Para Japiassu(apud FAZENDA, 2002, p.:

“A interdisciplinaridade caracteriza-se pela intensidade das trocas entre os especialistas e pelo grau de integração real das disciplinas no interior de um mesmo projeto de pesquisa”.

Para isso, a escola precisa assumir um novo papel político e pedagógico, pois ser “tornar” interdisciplinar é abrir mão de toda uma trajetória disciplinar e fragmentada. Como modificar todo um currículo pautado em disciplinas específicas, para assumir uma prática pedagógica em consonância com outras disciplinas.



Nosso sistema de ensino, inclusive a própria formação docente é pautada em disciplinas, o professor sai da graduação especialista em determinada área, para assumir uma nova postura, verdadeiramente interdisciplinar a própria concepção de formação docente precisa ser repensada.

Entre os princípios pedagógicos que estruturam as áreas de conhecimento destaca-se como principal, a interdisciplinaridade. “Para observância da interdisciplinaridade é preciso entender que as disciplinas escolares resultam de recortes e seleções arbitrários, historicamente constituídos, expressões de interesses e relações de poder que ressaltam, ocultam ou negam saberes (Parâmetros Curriculares Nacionais - Ensino Médio. Brasília: MEC, 2002, pág. 88)”.

Todas essas modificações, remetem uma mudança quase que histórica, pois para muitos docentes essa “unificação” é praticamente impossível de acontecer. Como unir matemática e Língua Portuguesa? Sem que se “respeite” cada disciplina e seus conhecimentos específicos.

Segundo Fazenda (2002), o pensar interdisciplinar parte da premissa de que nenhuma forma de conhecimento é em si mesma racional. Tenta, pois, o diálogo com outras formas de conhecimento, deixando-se interpenetrar por elas. Assim, por exemplo, aceita o conhecimento do senso comum como válido, pois através do cotidiano que damos sentido a nossas vidas. Ampliado através do diálogo com conhecimento científico, tende a uma dimensão maior, a uma dimensão ainda que utópica capaz de permitir o enriquecimento da nossa relação com o outro e com o mundo.

É exatamente isso, compreender as especificidades, das ciências humanas, exatas, enfim e caminhar juntos em prol de uma educação que para muitos ainda é uma utopia.

De modo geral, a interdisciplinaridade, esforça os professores em integrar os conteúdos da história com os da geografia, os de química com os de biologia, ou mais do que isso, em integrar com certo entusiasmo no início do empreendimento, os programas de todas as disciplinas e atividades que compõem o currículo de determinado nível de ensino, constatando, porém, que, nessa perspectiva não conseguem avançar muito mais (BOCHNIAK, p. 21, 1998).



Mais do que isso, é verdadeiramente envolver as disciplinas de modo geral, isso não refere a um projeto ou uma apresentação, ser interdisciplinar é viver isso. Compreender que é possível avançar no processo de ensino e aprendizagem caminhando de mãos dadas.

2. Como “ser” interdisciplinar

Sem dúvida que isso é um grande desafio. Não é simplesmente de um dia para outro que nos tornamos interdisciplinar. Essa mudança requer muito estudo, além disso o conceito em si, não se remete a um projeto ou uma mudança de atitude, significa sim uma reformulação de todo o projeto político pedagógico da escola, desta forma todos os atores que compõem a comunidade escolar, estão inseridos nessas mudanças.

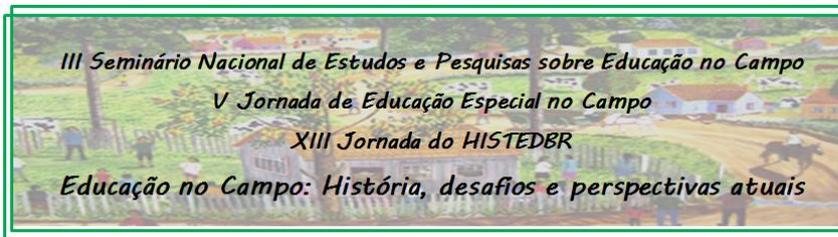
Os Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Médio (PCNs) orientam para o desenvolvimento de um currículo que contemple a interdisciplinaridade como algo que vá além da justaposição de disciplinas e, ao mesmo tempo, evite a diluição das mesmas de modo a se perder em generalidades. O trabalho interdisciplinar precisa “partir da necessidade sentida pelas escolas, professores e alunos de explicar, compreender, intervir, mudar, prever, algo que desafia uma disciplina isolada e atrai a atenção de mais de um olhar, talvez vários” (BRASIL, 1999, p. 88-89).

É preciso repensar o conceito de ensino, para que não se crie com a interdisciplinaridade, uma nova disciplina. Sem dúvida que cada disciplina tem o seu “valor”, o que vale aqui é compreender qual a melhor forma de intercalá-las

Dessa forma, a finalidade da interdisciplinaridade é de ampliar uma ligação entre o momento identificador de cada disciplina de conhecimento e o necessário corte diferenciador. Não se trata de uma simples deslocação de conceitos e metodologias, mas de uma recriação conceitual e teórica (PAVIANI, p. 41, 2008).

Pois a ideia não é “unir” as mais diversas disciplinas e “criar” uma nova disciplina denominada “interdisciplinaridade”, pelo contrário é verdadeiramente um novo olhar em relação ao ensino. ‘ Mediante a isso, cria-se o desafio da “junção” dos mais diversos conhecimentos, das diversas disciplinas, e com isso ter um olhar sobre determinado assunto ou fenômeno com diferentes pontos de vista. “A

www.semgepec.ufscar.br
27, 28, 29 e 30 de outubro de 2015



interdisciplinaridade tem uma função instrumental. Trata-se de recorrer a um saber diretamente útil e utilizável para resolver às questões e aos problemas sociais contemporâneos (Parâmetros Curriculares Nacionais - Ensino Médio. Brasília: MEC, 2002, p. 34)”.

A intenção é verdadeiramente unificar ao invés de excluir. E repensar toda a prática, não só das escolas, mas do próprio sistema de ensino, que “implementam” currículos engessados, comum a todas as unidades escolares, sem muita flexibilidade.

No ensino, a interdisciplinaridade não pode ser uma “junção de conteúdos, nem uma junção de métodos, muito menos a junção de disciplinas” (FAZENDA, 1993, p. 64). Ela implica num novo pensar e agir, numa postura que privilegia a abertura para uma vivência interativa mediada por conhecimentos diversificados. Busca-se superar a linearidade do currículo escolar, reorganizando-os de forma a superar a tendência de um mero seguimento da lista pronta por série.

O objetivo é modificar o que já existe, reformulando e “aproveitando” o que é válido. De maneira alguma o conceito de interdisciplinaridade diminui ou exalta essa ou aquela disciplina, pelo contrário, compreende que todas oferecem a oportunidade do aluno “olhar a sua volta, com os mais diversos “olhares”.

O que se precisa na verdade é entender de que forma esses mais diversos saberes pode de forma harmoniza, caminhar juntos, facilitando o processo de ensino e a aprendizagem.

De acordo com Andrade (1995, p. 23), para que a interdisciplinaridade possa ser introduzida no âmbito escolar é preciso partir de um modelo construtivista, objetivando que o ser humano nasce com potencial de aprender, e esta capacidade se desenvolve em interação com o mundo: “Com nova concepção de divisão do saber, frisando a interdependência, a interação e a comunicação existentes entre as disciplinas e buscando a integração do conhecimento num todo harmônico e significativo”

Para Bochniak (apud QUELUZ, 2000 p . 67-68), a interdisciplinaridade consiste em:

[...] atitude de superação de todas e quaisquer visões fragmentadas e/ou dicotômicas – sedimentadas pelo modelo de racionalidade científica



da Modernidade – que ainda mantem os de nós mesmos, do mundo e da realidade, sem que se desconsidere quaisquer dos segmentos ou pólos indicados (corpo e mente; pensamento, sentido e movimento; trabalho manual e intelectual; objetividade e subjetividade; teoria e prática; idealismo e realismo; obrigação e satisfação; quantidade e qualidade [...] e sem que se anule a identidade das disciplinas e ou áreas de produção e expressão de conhecimento contempladas (física, matemática, história, sociologia, anatomia [...]); ciências físico-naturais e ciências humanas e sociais; ciência, filosofia, arte e religião).

3. A matemática e a interdisciplinaridade

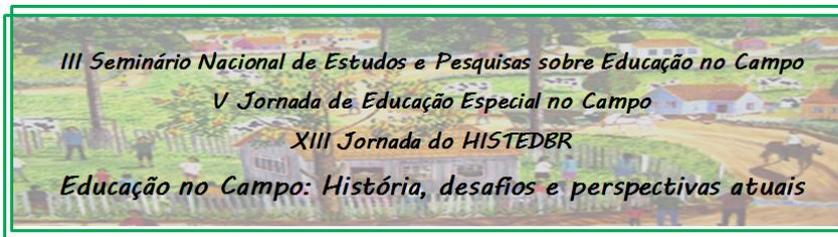
Assim como as mais diversas disciplinas, a matemática também possui suas especificidades e sua devida importância nesse processo de construção de um novo olhar interdisciplinar, em relação ao ensino.

Segundo os PCN (1998) é preciso que o aluno perceba a Matemática como um sistema de códigos e regras que a tornam uma linguagem de comunicação de ideias e permite modelar a realidade e interpretá-la. Assim, os números e a álgebra como sistemas de códigos, a geometria na leitura e interpretação do espaço, a estatística e a probabilidade na compreensão de fenômenos em universos finitos são subáreas da Matemática especialmente ligadas às aplicações.

A intenção não é que se abra mão dos conceitos matemáticos, pelo contrário, mas que esse aluno seja capaz de utilizá-lo tanto em sala de aula, quanto no seu cotidiano.

Quanto ao que mencionam os PCN (1998), o critério central é o da contextualização e da interdisciplinaridade, ou seja, é o potencial de um tema permitir conexões entre diversos conceitos matemáticos e entre diferentes formas de pensamento matemático, ou ainda, a relevância cultural do tema, tanto no que diz respeito às suas aplicações, dentro ou fora da Matemática, como à sua importância histórica no desenvolvimento da própria ciência.

Fazer esta relação entre a matemática e as diversas disciplinas, é muito mais do que simplesmente a construção de gráficos e tabelas, o que geralmente se sugere quando se dá esta relação. A matemática é composta por um universo riquíssimo de conceitos, que podem favorecer e muito as demais disciplinas.



Para que ocorra de forma harmoniosa, esta relação precisa de estratégias bem definidas, tendo em vista os sérios problemas enfrentados pelos alunos em relação às ciências exatas. A inserção de novas disciplinas, pode “facilitar” o ensino da matemática.

Essa nova visão para o ensino da matemática, surge a partir da necessidade que atinge a educação de modo geral, com isso toda esta reformulação proposta para o ensino da matemática, diz respeito a uma mudança do próprio sistema de ensino, isso envolve políticas públicas, planejamento, projeto político pedagógico, entre outros fatores. Arroyo (2004, p. 196) afirma que:

[...] para muitos professores(as) não está sendo cômodo manter a lógica temporal que organiza nosso trabalho. Estão convencidos da necessidade de repensar nossos tempos de ensinar. Tarefa que não depende de cada um, mas exige propostas coletivas não apenas de cada escola, mas das redes de ensino.

Constantemente os meios de comunicação, sejam eles televisionados, digitalizados ou impressos, têm feito sérias críticas mediante os resultados procedentes dos sistemas de avaliação realizados por meio do SAEB, ENEM etc., os quais têm mostrado cada vez mais a ineficácia do ensino, principalmente o de Matemática. Segundo Faria e Guirado (2009, p. 5):

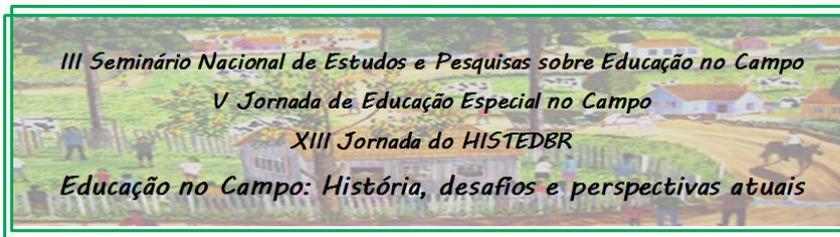
[...] os matemáticos têm buscado caminhos para a melhoria do ensino da Matemática. Para eles, o ensino da Matemática não está acontecendo como deveria e a responsabilidade disso recai nos professores do ensino fundamental e médio. E a consequência de tudo isso é certa aversão dos alunos pela disciplina

Deste modo o ensino da matemática, deverá ser repensado, levando em consideração a importância da disciplina do cotidiano do aluno e sua relevância em relação às demais disciplinas.

4. A Linguagem Matemática das Escolas do Campo

Para utilizar a linguagem matemática, dentro da realidade do próprio campo é necessário reconhecer a “identidade” dessas escolas e suas peculiaridades.

**www.semgepec.ufscar.br
27, 28, 29 e 30 de outubro de 2015**



De modo geral os dados citados indicam a situação de precarização do acesso da população camponesa à educação que representa um quadro desigual e excludente em todas as regiões. Perante este cenário, as Diretrizes Operacionais para Educação Básica nas Escolas do Campo esclarecem no Artigo 2º parágrafo único que, “a identidade da escola do campo é definida pela sua vinculação às questões inerentes à sua realidade [...]” (BRASIL, 2002, p. 1).

Sendo assim a construção de uma identidade, fica muitas vezes comprometida, sabendo que os aspectos sociais são determinantes nessa formação.

As escolas do campo, assim como a população rural, merecem respeito e mais do que isso, possuem o direito enquanto cidadãos de terem uma educação de qualidade, além acesso e da permanência nas escolas garantido.

“Em um mundo de “individualização” em excesso, as identidades são bênçãos ambíguas. Oscilam entre o sonho e o pesadelo, e não há como dizer quando um se transforma no outro.” BAUMAN, 2005, p.38.

Essa é exatamente a identidade do indivíduo do campo, que traz um histórico de luta, para impor sua própria personalidade e muitas vezes assumindo uma postura de subalternidade em relação a “cidade”.

Esse diálogo entre a matemática e o campo, deverá acontecer de forma harmoniosa, para que o ensino tenha mais sentido e significado, deixando de lado a superficialidade. Para Paulo Freire o diálogo é tratado como um fenômeno humano:

Se nos revela como algo que já poderemos dizer ser ele mesmo: a palavra. Mas, ao encontrarmos a palavra, na análise do diálogo, como algo mais que um meio para que ele se faça, se nos impõe buscar, também seus elementos constitutivos (FREIRE, 2005, p.89).

Respeitar essa contribuição riquíssima do campo, em relação ao ensino da Matemática, nada mais é do que fazer uso de “ferramentas” próprias desse meio, que foi pautada com base em uma luta social. Essa é uma discussão que vai além do interesse de um grupo, ou o paradigma de um movimento social, tudo isso está relacionado a



políticas públicas eficientes, pois somente assim, o problema alcançará um âmbito maior, sobre esse processo, afirma Anhaia:

Entendemos que o I ENERA foi a materialização das ações que vinham sendo desenvolvidas pelo conjunto de instituições do campo que estavam vinculados com a luta pela terra e com a produção da existência no campo. Muito embora as práticas construídas por diferentes sujeitos do campo não se fizeram presentes na sua totalidade no I ENERA [...] temos que entendê-lo como síntese e possibilidade de um processo maior de educação. Síntese, porque traz para a discussão, em âmbito nacional, experiências vivenciadas nos mais diferentes estados no trabalho com educação formal e não formal no campo brasileiro. [...] Possibilidades, no sentido de que foi possível desencadear uma série de ações que contribuíram para que o Movimento Nacional de Educação do Campo pudesse se consolidar, além de trazer para o âmbito nacional a discussão de uma educação comprometida com, porque construída com, os trabalhadores do campo. [...] Podemos dizer que o I ENERA impulsionou a discussão da Educação do Campo, levando os sujeitos do campo a pensar a necessidade de compreender melhor a realidade rural brasileira e a educação que se faz presente neste espaço. Anhaia, 2011, p. 66.

A partir daí, ensinar a matemática nessas escolas ditas do campo, assume um novo papel, fincado em um novo olhar. Sendo viável o uso de uma linguagem especificamente matemática, através de todos os seus códigos e signos. Para alguns autores a linguagem matemática assume diversas componentes: linguagem escrita, linguagem oral e linguagem pictórica:

A matemática possui também uma forma de expressão pictórica, através, por exemplo, de gráficos, diagramas, barras de Cuisenaire ou desenhos. (USISKIN, 1996, p.34).

No entanto com todas essas especificidades, é possível fazer uso dessa linguagem, estipulando um diálogo harmonioso entre o Campo e a Matemática. E que é o diálogo? É uma relação horizontal de A com B. Nasce de uma matriz crítica e gera criticidade (Jaspers). Nutre-se do amor, da humildade, da esperança, da fé, da confiança. Por isso, só com o diálogo se ligam assim, com amor, com esperança, com fé um no outro, se fazem críticos na busca de algo. Instala-se, então, uma relação de simpatia entre ambos. Só aí há comunicação. O diálogo é, portanto, o indispensável



caminho(Jaspers), não somente nas questões vitais para a nossa ordenação política, mas em todos os sentidos do nosso ser. “Somente pela virtual da crença, contudo, tem o diálogo estímulo e significação: pela crença no homem e nas suas possibilidades, pela crença de que somente chego a ser eles mesmos” (FREIRE, 2005, p.115-116).

Em 2008 o Grupo de Pesquisa nos Contextos da Educação do Campo (GPEMCE), criado por pesquisadores da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), apresenta trabalhos produzidos por seus membros envolvendo debates sobre a relação entre o ensino da matemática e algumas realidades específicas do campo (MONTEIRO; LEITÃO; ASSEKER, 2009; FARIAS, 2010; MACEDO, 2010).

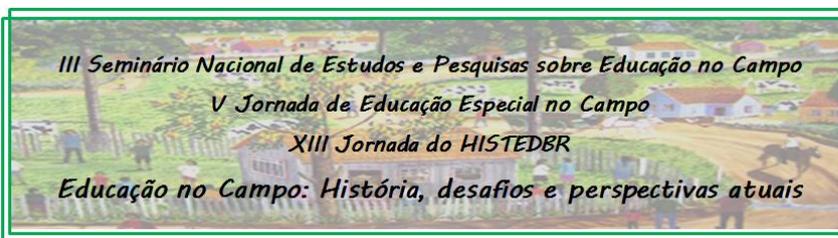
Com base nisso, as discussões nesses contextos abrem um leque de possibilidades de investigação referentes à Educação do Campo. O enfoque, portanto, parte das possíveis relações estabelecidas por professores entre os conhecimentos matemáticos e o trabalho dos camponeses levando em conta que o ensino de Matemática, assim como as demais áreas do conhecimento atendem a um conjunto de objetivos, conteúdos e orientações contidas nos Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1998) e em diretrizes específicas para cada Estado e Município.

Sendo assim, trabalhar a Matemática nas escolas do Campo, através de uma linguagem apropriada, faz parte inclusive de uma regulamentação legal, para esse grupo de escolas. Logo, toda luta que se formou em prol de uma educação de qualidade para as escolas do campo, seja matemática ou não, não se trata de utopia e sim de determinações estabelecidas em lei e que obrigatoriamente deveriam ser cumpridas.

Considerações Finais

A interdisciplinaridade “chega” trazendo um novo olhar em relação ao ensino e a aprendizagem, assumindo uma postura de unificação de modo geral, respeitando as especificidades das mais diversas disciplinas.

Com isso inicia uma mudança significativa, em termos de educação, principalmente no Brasil. Que até então, defendia um ensino disciplinar, onde cada um seguia um currículo único e fragmentado em disciplinas. Para oferecer uma nova



“visão” de educação onde cada disciplina, apesar de seus conceitos específicos, caminhariam “juntas”.

Nesse sentido, segundo Andrade (1995, p. 24):

O novo modelo curricular, de base interdisciplinar, exige uma nova visão da escola, criativa, ousada e com uma nova concepção de divisão do saber, pois a especialidade de cada conteúdo precisa ser garantida paralelamente à sua integração num todo harmonioso e significativo.

O que se espera na verdade é que a interdisciplinaridade tanto no ensino da matemática, cômadas demais disciplinas seja uma ferramenta que auxilia tanto o professor, quanto o aluno.

A intenção não é “criar” uma nova disciplina utilizando a interdisciplinaridade como objeto, mas que as demais disciplinas possam caminhar juntas em prol de uma educação de qualidade.

Referências

ANDRADE, Rosa Maria Calaes de. Interdisciplinaridade: um novo paradigma curricular. Revista Dois Pontos, 1995.

BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais: matemática. Brasília: MEC/SEF, 1998.

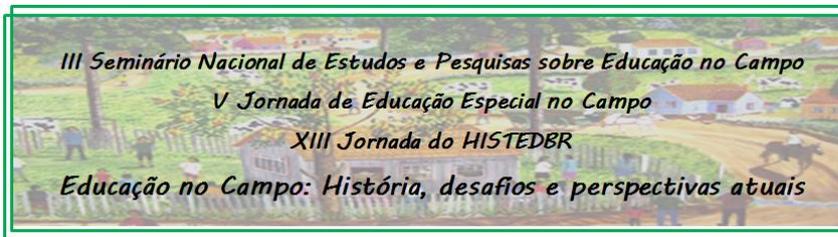
_____. Ministério da Educação. Parâmetros Curriculares Nacionais: matemática. Brasília: MEC/SEF, 1999.

_____. Lei de Diretrizes Básicas da Educação Nacional. Lei nº 9.394 de 20 de dezembro de 1996. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/lei9394lbn1.pdf>> Acesso em: 24 junho 2010.

BRASIL. Ministério da Educação-MEC, Secretaria de Educação Básica. *Orientações Curriculares para o Ensino Médio: Ciências da natureza, matemática e suas tecnologias*. Brasília, 2006.

BRASIL. Ministério da Educação - MEC, Secretaria de Educação Básica. *Orientações Curriculares para o Ensino Médio: Ciências da natureza, matemática e suas tecnologias*. Brasília, 2002.

www.semgepec.ufscar.br
27, 28, 29 e 30 de outubro de 2015



BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Média e Tecnológica. *Parâmetros Curriculares Nacionais: Ensino Médio*. Brasília: Ministério da Educação, 2002.

BOCHNIAK, Regina. *Questionar o conhecimento-Interdisciplinaridade na escola*. São Paulo: Loyola, 1992.

FARIA, Clarice Aparecida Alves Palozzi; GUIRADO, João Cesar. *A Metodologia da Resolução de Problemas*. Maringá: Universidade do Estado do Paraná- UEM, 2009.

FAZENDA, Ivani C. Arantes. *Integração e Interdisciplinaridade no Ensino Brasileiro: Efetividade ou Ideologia*. 5. ed., São Paulo: Loyola, 2002.

_____. (Org.). *O que é interdisciplinaridade?* São Paulo: Cortez, 2008. FORTES, Clarissa Corrêa. *Interdisciplinaridade: origem, conceito e valor*.

O Mundo da Saúde . Palestra apresentada no I Fórum de Reabilitação do Centro Universitário São Camilo, em 18.03.2006 . São Paulo: 2006; jan/mar 30 (1):107116.

PAVIANI, Jayme. *Interdisciplinaridade: conceitos e distinções*. 2. ed. Caxias do Sul, RS:Educs, 2008
em:<http://www3.mg.senac.br/NR/rdonlyreseh3tcog37oi43nz654g3dswloqyejkbfxkjbgehjepnlzyl4r3inoxahewtpq17drvx7t5hhxkic/Interdisciplinaridade.pdf> >.

QUELUZ, Ana Gracinda (Org.). et al. *Interdisciplinaridade: formação de profissionais da educação*. São Paulo: Pioneira, 2000.

TRINDADE, Diamantino Fernandes. *Interdisciplinaridade: um novo olhar sobre as ciências*. In: FAZENDA, Ivani Catarina Arantes (Org.). *O que é interdisciplinaridade?* São Paulo: Cortez, 2008.